Marizilda de Carvalho. Mestre em Comunicação Social.

Universidade De São Paulo

Criação e arte: estrutura das fantasias de escola de samba

Resumo: O artigo descreve a atividade exercida pelo carnavalesco durante o processo de criação das fantasias, baseadas no enredo proposto que irá concorrer durante o carnaval do ano sequinte e as partes que compõem a estrutura das fantasias de alas, mestre-sala, porta-bandeira e baianas, com elementos apoiados na cabeça, ombros, cintura, pescoço, braços, pernas, mãos e pés.

Palavras chave: carnaval, escolas de samba, estrutura das fantasias

Summary: This article describes the activity of the Carnival Organizer (called "carnavalesco" in Portuguese) during the fantasies creation process, that are based in the proposal plot which will compete in the carnival in the next year, and the parts that compose the structure of wing fantasies, "mestre-sala", "porta-bandeira" and "baianas" (main characters of the samba school), with elements supported on the head, shoulders, waist, neck, arms, legs, hands and feet.

Key Words: carnival, samba schools, fantasies structure

1- Introdução

Previstas para serem visualizadas em movimento, as fantasias para escolas de samba devem atender algumas necessidades inerentes à forma processional de exposição, e as dimensões do espaço teatral na qual se apresentam.

Por suas características peculiares, o espaço na avenida determina que as fantasias possuam dimensões compatíveis a distância estabelecida entre a escola de samba e a platéia, tendo que ampliar sua visibilidade, afastando-se

do corpo do componente. A velocidade do desfile aumentou devido à redução do tempo de apresentação realizada por cada agremiação, que por sua vez, tem grande número de componentes, forçando a utilização de trajes de fácil e rápida decodificação por parte dos expectadores.

Facilidade de manuseio, liberdade de movimentos, detalhes de cor e brilho desempenham papel indireto na comunicação entre escola de samba, jurados e público, o desfilante se sente bem fantasiado e tem movimentos livres, realizando um desfile comunicativo, alegre e contagiante.

O objetivo do artigo é mostrar as diversas partes que compõem a estrutura do figurino de uma escola de samba.

2- Os carnavalescos de ontem e de hoje

Mudaram os tempos e com eles a nomenclatura de determinadas funções, esse é o caso do termo carnavalesco, antigamente aplicado aos foliões do carnaval, na mesma época em que o orientador dos enredos, desfile e figurinos recebia a denominação de técnico[1] e trabalhava num improvisado ateliê. Hoje, esse profissional contratado pelas escolas de samba para organizar seus desfiles, intitula-se carnavalesco, embora alguns autores prefiram a designação artista, devido a liderança exercida pelos artistas plásticos a frente do carnaval; do ateliê sucedeu o barracão em uma simples questão de terminologia.

Os técnicos de outrora eram expoentes da cenografia dos préstitos das grandes sociedades e dos ranchos, tinham ampla liberdade para a escolha dos enredos, podiam ou não tratar de assuntos brasileiros. Com essa autonomia os técnicos que orientavam a realização e o modo de teatralizar o tema eram muitas vezes autodidatas, ou vindos de cenografia teatral, trabalhando durante o carnaval como um hobe.

---

[1] O técnico era aquele individuo idealizador, realizador e orientador da confeção de alegorias e fantasias, e que comandava o trabalho dos cenógrafos, maquinistas, costureiras e demais pessoas envolvidas nos trabalhos do barracão, além de ser o idealizador do enredo

Atualmente, os carnavalescos recebem salários altos e desfrutam de cuidados especiais, proporcionados por suas escolas. Além de serem reconhecidos pelo povo como estrelas de primeira grandeza no cenário nacional, quando conseguem o título para as agremiações onde trabalham.

O indispensável em profissões como a de carnavalesco é a inventiva, a capacidade de improvisar sobre materiais e formas sensíveis cujo efeito tem que ser intuído pelo artista, já que o tempo e o dinheiro não podem ser recuperados. São pessoas para as quais a arte é a sede da verdade e da imaginação, seres dotados de luz própria capaz de se projetarem através do lúdico, do barroco, dos mitos, das metamorfoses e de todo cortejo que habita o universo da cenografia e fantasia.

3- A criação da Fantasia

As escolas de samba desfilavam em seus primórdios apenas com as fantasias das baianas, os outros grupos, hoje conhecidos como alas[2], desfilavam uniformizados. Porém, alguns historiadores afirmam que o Império Serrano foi a primeira escola a fantasiar todos os componentes, no carnaval de 1948. Somente em 1952, o regulamento do Rio de Janeiro tornou obrigatório o uso de trajes carnavalescos nos desfiles das escolas de samba.

Apesar de tardia, esta obrigatoriedade, com o tempo, confirmou a crescente importância refletida não só na criação dos enredos, mas também na identidade visual da escola. Alegorias e fantasias assumiram, a partir de então, um papel de destaque nos desfiles.

Sua função narrativa é destacada nas declarações de Maria Augusta Rodrigues: Um bom desfile de escola de samba pode ser visto por uma pessoa surda, compreendido através das formas, alegorias e figurinos, pois é

---

[2] As alas das escolas de samba são originadas dos grupos de foliões que desfilavam nas ruas do Rio de Janeiro desde a segunda metade do século XX. As alas são um conjunto de pessoas usando uma mesma fantasia e desfilando coesa.

uma linguagem formal, simbólica e não verbal, podendo ser entendido por um deficiente visual, ouvindo a letra do samba. (Rodrigues, 1992:67)

Nilza de Oliveira acrescenta que alguns carnavalescos, entre eles o falecido Arlindo Rodrigues, consideravam ser a indumentária/fantasia o ponto de partida para a concepção do desfile de carnaval, antes mesmo de pensar no enredo. (Oliveira, 1996:66)

Para dar início à preparação do carnaval, as agremiações abrem suas portas para receberem propostas de enredos a serem desenvolvidos, havendo uma data marcada para o término do aceite dos mesmos. Cada escola recebe em média de 20 a 30 sugestões, e hoje é usual o recebimento pela internet.

Logo após, reune-se a comissão de carnaval, juntamente com a diretoria, para a escolha final do tema/enredo. São realizadas diversas reuniões para a seleção, nas quais são feitas eliminatórias até escolherem um enredo que agrade a maioria.

Segundo dados de Magalhães (1997:42), quando a sinopse do enredo é entregue aos compositores, o carnavalesco ou figurinista começa o trabalho de criação. Alguns carnavalescos não desenham seus figurinos, contratam desenhistas que dão forma às suas idéias. A princípio, o desenho era entregue ao presidente de ala, que se incumbia de executar o risco, nome dado ao desenho do figurino. Com um desenho bidimensional nem sempre era fácil entender, suscitando várias interpretações. Arlindo Rodrigues começou a trabalhar com protótipos de fantasias na escola de samba Imperatriz Leopoldinense, visando garantir o efeito visual de cada fantasia e seu conjunto, ou seja, uma peça piloto de cada traje, facilitando sua reprodução.

De posse do enredo escolhido, que acontece normalmente durante o mês de maio do ano anterior ao desfile, entra em cena o carnavalesco, ele faz uma análise detalhada, procurando transformar os tópicos do enredo em imagens, através de fantasias e alegorias, com a função de transmitir as diversas partes do conteúdo.

Inicia-se o processo de criação e desenho dos figurinos, é o momento de observar os materiais utilizados para acabamento e confecção das fantasias. Por isso o carnavalesco deve, enquanto desenha determinar os tecidos e cores que acompanharão cada figurino, que além das cores da escola, empregarão tons de prata e ouro, devido ao brilho, efeitos visuais e por serem consideradas cores neutras, que todas as escolas podem usar.

Produzir um trabalho original é um desafio para o carnavalesco, exige muita criatividade, sem fugir do estilo da escola, precisa criar roupas leves ou pesadas, ricas ou pobres, sem desrespeitar a liberdade de movimentos do desfilantes, preocupados em apresentar um visual alegre, bonito e com efeitos cênicos.

O acabamento, os cuidados na confecção e a uniformidade de detalhes, com calçados, meias, shorts, biquinis, sutiãs, chapéus e outros acessórios, dentro das mesmas alas, grupos ou conjuntos, é avaliado pelo corpo de jurados, devendo, portanto ser criteriosamente organizados.

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1995:171) enumera as fantasias em três grupos: de alas; as que ficam na comunidade como, por exemplo, o traje da bateria, mestre-sala, porta-bandeira e as das baianas; as dos destaques ou elementos especiais. A forma de confecção da fantasia em cada um desses grupos varia e seu exame conduz a diferentes redes de relações além de suas funções de vestimenta.

A fantasia relaciona toda a escola, situa a posição de cada componente no conjunto do desfile e articula os espaços importantes no desenvolvimento da montagem do enredo.

4- Estrutura das fantasias de alas

O traje carnavalesco possui também formas comuns de vestuário, como calças, camisas, blusas, vestidos e saias. E ainda, função especifica quanto a patamares corporais em:

- **Elementos apoiados na cabeça**: Uma cabeça é o termo usado para definir o elemento da indumentária usada como chapéu. É possível ter a forma de um chapéu propriamente dito, um turbante, uma peruca ou outros elementos tradicionais. Pode consistir em um elemento significativo alegórico, como um livro, uma caravela ou uma caneca de cerveja.

- **Elementos apoiados nos ombros**: São estruturas feitas de arame grosso ou ferro (vergalhão) moldados e forrados, que se apóiam nos ombros, sobre os quais se podem prender decorações e que ampliam lateralmente o tórax do desfilante. Podem fazer parte da fantasia isoladamente ou sustentar grandes palas que são estruturas que se apóiam sobre os ombros caindo sobre o peito e as costas, chegando até a cintura, ou quadril, com um orifício para deixar passar a cabeça do desfilante. As palas podem se apresentar em diversos formatos e larguras, servindo também de base de sustentação de elementos decorativos variados. Esplendores ou resplendores são estruturas presas as costas da indumentária, fixadas por meio de encaixes. De forma tradicionalmente circular, daí a origem do nome, que remete aos resplendores das imagens dos santos católicos. Estas estruturas podem atingir grandes alturas, ampliando o tamanho das fantasias em até duas vezes. Seus detratores geralmente se referem a eles como cangalhas.

  Gravatas são, com relação à indumentária carnavalesca, elementos com preponderância da dimensão vertical, presos aos ombros ou pescoço que pendem para frente e para trás do corpo.

- **Elementos apoiados na cintura**: calças, saias, paniers, cinturões. O panier é uma estrutura formada por aros semicirculares, presas de cada lado da cintura. Muito comuns em meados do século XVIII, serviam para ampliar lateralmente os quadris. As crinolinas ou miniaques são anáguas rodadas, estruturadas com canos de plástico ou fitas de metal, usadas para sustentar grandes saias que são vestidas por cima do traje. O melhor exemplo são as saias da indumentária das baianas.

- **Elementos apoiados no pescoço**: Colares e similares.

- **Elementos apoiados nos braços e pernas**: Pulseiras, braçadeiras e perneiras. Manguitos**:** é um tipo de braçadeira larga que vai dos pulsos aos cotovelos, há semelhança de um cano de luva justa ao antebraço**,** confeccionada em tecido encorpado capaz de sustentatar correntes, fios de contas, franjas ou bolas de isopor.

- **Elementos presos aos pés**: Sapatos e simulações de pés de animais.

- **Elementos presos às mãos**: Luvas e alegorias de mão. São elementos externos à indumentária carregados pelo componente, podendo ser composto de bandeiras, estandartes, lanças etc, ou mesmo objetos simulando elementos cenográficos, como garrafas, instrumentos musicais e outros.

Segundo Rosa Magalhães os elementos como as sombrinhas das damas, bastante tradicionais no carnaval, provocam vistas de longe um movimento harmonioso. Continua descrevendo que nos dias atuais há uma forte tendência para não se colocar alegorias nas mãos dos componentes, mas alongá-los através dos resplendores (1997:46).

A principal função estética dos trajes carnavalescos das escolas de samba é a de retratar visualmente o tema proposto, através das diversas alas que compõem um desfile.

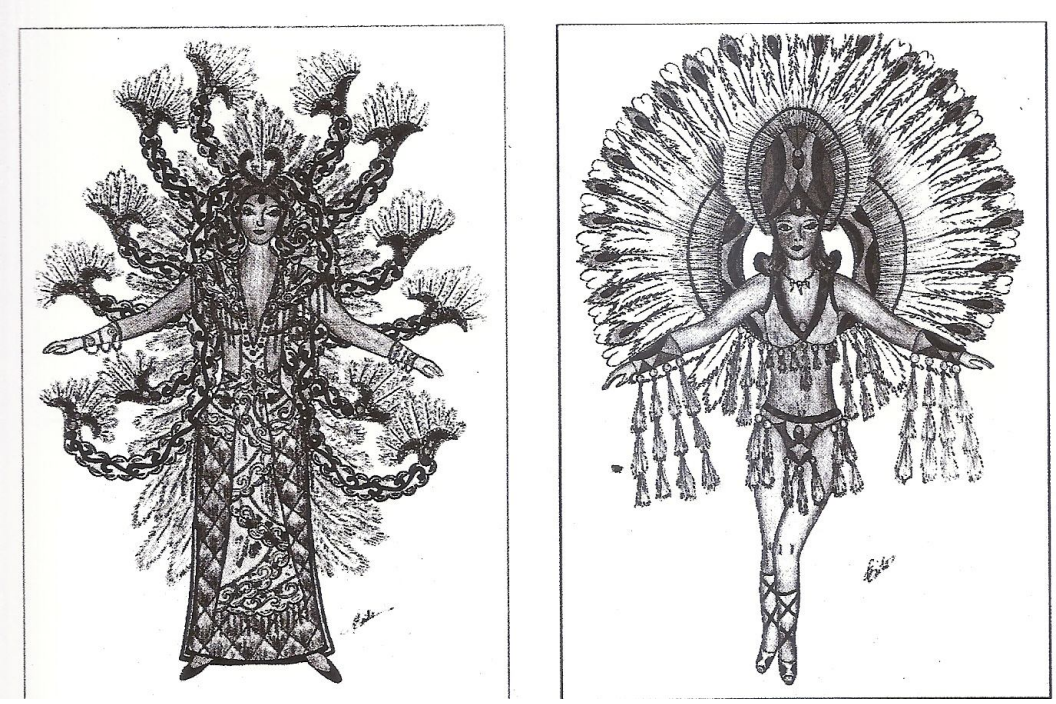

Figura 1: Desenhos de resplendores da Carnavalesca Maria Aparecida Urbano, 1990.

5- Indumentária do Mestre-Sala e Porta-Bandeira

A fantasia da porta-bandeira e do mestre-sala, embora conservem suas características de fidelidade a indumentária dos nobres que lhes deram origem, assimilaram em sua confeção os materiais modernos propiciados pelo advento do plástico, que revolucionou em termos de efeito e menor custo, tanto pelo preço relativamente inferior ao da pedraria como pela mão de obra agilizada em função da colagem ao invés da costura.

Alguns historiadores percebem estreita relação entre os uniformes militares do tempo do imperador D. Pedro II e a fantasia do mestre-sala, em ambos a presença dos bordados, calções e meias de seda. Outros historiadores discordam que a roupa do mestre sala seja um uniforme, pois é baseada no vestuário de Luis XV que não utilizava uniforme, e sim um traje da moda na corte.

O carnavalesco Joãozinho Trinta encontrou uma solução para resolver o problema que antigamente prejudicava a atuação da porta-bandeira, o peso da indumentária. Antes do aperfeiçoamento desse detalhe técnico, a maioria delas terminava o desfile com a cintura ferida pelas múltiplas anáguas engomadas que precisavam usar para armar a fantasia. Ele desenvolveu um esquema para armar a saia com uma anágua de tiras de aço finas, porém resistentes, não precisando ser amarrada a cintura. O que machucava, era exatamente o peso e esse foi aliviado, sendo a anágua amarrada por alças, presas nos ombros da porta-bandeira.

As fantasias do casal além do seu bailado recebem notas pelo corpo de jurados, perdendo pontos se alguma parte, durante a exibição, seja o chapéu do mestre-sala ou um dos sapatos da porta-bandeira sofra alguma avaria.

6- A indumentária das baianas

O curioso é que sendo o carnaval uma festa pagã, a origem das atuais escolas de samba remonta as procissões religiosas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito que saíam pelas ruas no dia 6 de janeiro, dia de reis, quando desde o século XVIII as taieiras formavam a guarda de honra dos andores dos santos acima.

As taieiras eram grupos de mulatas que seguiam o cortejo dançando e cantando ao som de instrumentos afro-brasileiros, essas taieiras foram batizadas de baianas pelos cariocas, embora elas desfilassem com trajes típicos angolanos. Sendo assim, considera-se que a ala das baianas teve sua origem nos grupos de taieiras.

Marilia Barbosa Silva enfatiza a sensualidade dessas lindas mulatas, vestidas de saias brancas, entremeadas de rendas, de camisas finíssimas e de elevado preço, deixando transparecer os seios morenos, ardentes e lascivos. Enfeitadas de argolões de ouro e lacinhos de fita, no colo grossos cordões do mesmo metal, elas acompanhavam as procissões religiosas cantando e dançando.

No primeiro quartel do século XIX, as taieiras, sob a pressão da igreja foram enxotadas das procissões devido ao rebolado mirabolante e acintoso dos quadris, modos que as autoridades eclesiasticas da época julgaram profanos, considerando o caratér solene e litúrgico do ritual. As taieiras concentraram-se então nos ranchos de reis, que eram exclusividade das dançarinas lusas, denominadas pastoras que, aos poucos foram se afastando escandalizadas à proporção que engrossava o irreverente bando de mulatas aplaudidas entusiasticamente pelo povo.

Os ranchos, pressionados pela igreja transferiram seus desfiles para os dias de carnaval, onde havia mais tolerância. Assim até hoje, os ranchos carnavalescos desfilam com suas pastoras e mulatas precedidas pelo rei e rainha do congo, agora em forma de escolas de samba onde o rei e a rainha sobrevivem na figura do mestre-sala e porta-bandeira.

7- Considerações finais

No que concerne à indumentária, as modificações introduzidas pelos carnavalescos e figurinistas foram muito acentuadas nestes últimos anos, o passar do tempo exerceu considerável ajuda nas técnicas de costura e confecção das fantasias de alas, mestres-salas, porta-bandeiras e baianas. No lugar das bordadeiras do morro, hoje, as velozes máquinas industriais, grande oferta de materiais e tecnologia altamente sofisticada à disposição no mercado, aceleram a produção e melhoram a qualidade das fantasias.

Investigar a indumentária dos desfiles de escolas de samba, talvez torne possível aquilatar outros determinantes capazes de responder pela fulgurante ascensão das entidades, que não apenas o tempo e a modernidade faz o espetáculo internacionalmente conhecido e explorado dos desfiles na passarela do samba.

Os métodos de pesquisa relevantes foram o uso de bibliografia sobre o tema proposto, pesquisa de campo realizada pela autora, ao longo de seus estudos acadêmicos.

8- Bibliografia

BORNAY, Clovis. ***Vestir escolas de samba***. O Globo. Rio de Janeiro, 19 de fev. 1966.

CARVALHO, Marizilda. ***Samba Paulistano e Mídia Impressa: Rosas de Ouro***. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Universidade Paulista. São Paulo. 2002.

_____, Marizilda. **Carnaval e samba, na terra da garoa**. Textos Escolhidos de cultura e arte populares. Estudos do carnaval. V.6/outubro de 2009,p: 83/95.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro. Funarte/UFRJ. 1994.

FERREIRA , Felipe. ***O Marquês e o Jegue: Estudo da fantasia para escolas de samba***. Rio de Janeiro; Altos do Gloria. 1999.

MAGALHÃES, Rosa. **Fazendo Carnaval**. Rio de Janeiro. Ed. Lacerda. 1997.

RODRIGUES, Maria Augusta. **Vivência do popular**. In: Massow, Maria Tereza (org). Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate. Rio de Janeiro. IBAC, 1992.

URBANO, Maria Aparecida. **Carnaval e Samba em evolução na cidade de São Paulo.** Ed. Plêiade. São Paulo. 2005

Mini Curriculum

Marizilda de Carvalho é professora universitária. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Paulista, pós- graduada em Administração Hoteleira pelo SENAC e graduada em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi. Jurada das escolas de samba de São Paulo pela União das escolas de samba UESP e pela Liga das escolas de samba. Tem se dedicado ao estudo do carnaval e dos trajes carnavalescos em seus estudos acadêmicos.